

POLÍTICAS INSTITUCIONAIS DE PREVENÇÃO AO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR: um estudo em cursos da área da saúde do sul do Brasil

Larissa Fiorini¹; Cintia Sonale Rebonatto²; Carlos Costa³

1 Aluna do curso de psicologia, 7º semestre. Faculdade Meridional – IMED. Bolsista PROBIC – FAPERGS. fiorini.larissa@gmail.com

2 Mestranda. Programa de Mestrado em Administração – IMED. cintiasonale@gmail.com

3 Orientador. Ph.D., professor da Faculdade Meridional – IMED. carlos.costa@imed.edu.br

RESUMO

O uso excessivo de álcool entre universitários tornou-se fator de preocupação, principalmente pela sua atuação junto à comunidade. Diante disso, o presente estudo teve por objetivo identificar a existência de ações preventivas ao consumo de bebidas alcoólicas em Instituições de Ensino Superior (IES), com ênfase nos cursos da área da saúde. Assim, o estudo caracterizou-se metodologicamente como sendo quantitativo, descritivo e de corte transversal, coletando-se os dados primários dos sites institucionais de uma amostra composta por 93 IES públicas e privadas do Rio Grande do Sul (RS) e de Santa Catarina (SC), Brasil. Como resultado do estudo observou-se no período analisado (até 2019), que 62,4% das IES não adotam políticas educativas de prevenção ao consumo de bebidas alcoólicas, mesmo sendo IES que oferecem cursos na área da saúde. Essa descoberta alerta para a urgência de políticas e ações preventivas, visto que os acadêmicos dessa área constam na literatura como sendo os mais suscetíveis ao uso de substâncias psicotrópicas.

Palavras-chave: Estudantes Universitários. Consumo de Álcool. Saúde.

1 INTRODUÇÃO

O ingresso em um curso superior é significativo na vida dos jovens, representando uma série de mudanças em sua rotina e forma de perceber o mundo (CARLOTTO; TEIXEIRA; DIAS, 2015). Esse panorama de transição, atrelado às expectativas e dúvidas em relação ao contexto universitário, para alguns, traduz-se em uma experiência estressora, favorecendo a adoção de comportamentos de risco, dentre esses, o consumo problemático de álcool (HAAS et al., 2012).

Nessa direção, identifica-se que os estudantes de ensino superior têm maior tendência ao consumo abusivo de álcool em comparação àqueles de outros níveis de ensino, portanto, são mais propensos a se tornarem bebedores compulsivos (ANDRADE et al., 2012). Ante ao exposto, o uso excessivo de álcool, incluindo a frequência de episódios *Binge Drinking* (consumir cinco ou mais doses em um curto intervalo de tempo) e consequências negativas, constituem uma preocupação de saúde pública e um problema recorrente entre jovens e estudantes universitários (STOCKINGS et al., 2016).

Para além dessas questões, tem-se que no contexto universitários são os estudantes da área da saúde os que merecem atenção especial (PETROIANU et al., 2010; NUNES et al., 2012). A literatura cita, por exemplo, que os acadêmicos de medicina são mais tolerantes e acreditam ser menos vulneráveis ao abuso do álcool (MESQUITA; NUNES; COHEN, 2008; MACHADO et al., 2016). Consequentemente, os prejuízos correm o risco de somente serem percebidos quando houver uma disfuncionalidade incapacitante nas dimensões sociais e profissionais. Essa problemática é particularmente preocupante nessa área, pois envolve justamente os estudantes que, futuramente, como profissionais terão como uma das funções

orientar e aconselhar seus pacientes para a adoção de condutas saudáveis em relação ao álcool (CHIAPETTI; SERBENA, 2007; MENDONÇA; JESUS; LIMA, 2018).

Ante ao exposto, evidencia-se a necessidade de se considerar a especificidade do padrão de consumo de bebidas alcoólicas dessa população para a elaboração e implantação de programas específicos de intervenção e prevenção. Ratifica-se essa urgência, observando-se a baixa assertividade quanto à intervenção na redução de danos em jovens para o uso de substâncias psicotrópicas e deletéricas, dentre elas o álcool (HALL et al., 2016; NORDLUND, 2016; STOCKINGS et al., 2016; JOHNSTON et al., 2018). Ainda, pela inexistência de políticas de consumo nas IES (REBONATTO et al., 2018) e, também, em função de relatos de estudantes que nunca receberam informações sobre o consumo de álcool em suas instituições de ensino (CAVALCANTE et al., 2012). Adicionalmente, justifica-se a premência dessa abordagem pelo fato de que, apesar de conhecerem os riscos do abuso de álcool, os acadêmicos não tendem a reduzir o seu uso (PICOLOTTO et al., 2010). Tais razões indicam a relevância de as IES iniciarem a adoção de políticas de prevenção e combate ao consumo excessivo (SILVA; TUCCI, 2014; MACHADO et al., 2016; STOCKINGS et al., 2016; PANTANI; PINSKY, 2017), bem como possíveis ações de marketing social (BASTOS; COSTA; VASCONCELOS, 2017).

Diante desse cenário, entendeu-se como necessário identificar a presença de programas educativos e preventivos com relação ao uso do álcool dentro das IES localizadas na região sul do Brasil. Para tanto, definiu-se como objetivo geral deste estudo o de analisar a existência de programas e medidas educativas direcionadas ao combate do uso excessivo de bebidas alcoólicas em IES que disponibilizam cursos em área de saúde no Rio Grande do Sul (RS) e Santa Catarina (SC).

2 CONSUMO DE ÁLCOOL E SUA RELAÇÃO COM A POPULAÇÃO UNIVERSITÁRIA

O álcool, diferentemente de outras substâncias psicotrópicas, tem sua produção, comércio e uso lícitos, tornando-se amplamente acessível (BABOR, 2010), por isso é considerado uma das cinco principais causas de doença, incapacidade e morte para todas as faixas etárias (WHO, 2017), e principal fator de risco para a incapacidade em indivíduos entre 10 a 24 anos (MEZQUITA et al., 2018). De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), cerca de 3,3 milhões de mortes são decorrentes do uso de álcool, 25% dessas ocorrem em indivíduos na faixa etária de 20 a 39 anos (WHO, 2017). Em virtude do consumo crônico e a intoxicação repetida, instala-se uma síndrome de comportamentos inter-relacionados em função de sintomas físicos e cognitivos, denominada dependência (BABOR, 2010), um tanto mais prejudicial quando associada ao consumo precoce.

Estima-se que grande parte dos problemas de saúde pública possua relação com o consumo excessivo de álcool (REHM et al., 2009), provocando no indivíduo inúmeras consequências adversas como: tonturas, apagões, desmaios, depressão, tentativas de suicídio, gravidez indesejada, doenças sexualmente transmissíveis, violência, abuso sexual. Ainda, são relacionados comumente ao uso de álcool, acidentes de trânsito, problemas com a lei, prejuízos no rendimento escolar, na estruturação de habilidades cognitivas e morte violenta (MERRILL; READ, 2010; NÉMETH et al., 2011; VAGENAS et al., 2013; MUHAMAD et al., 2017) e, sobretudo, problemas nas relações sociais (família, emprego e estudo).

Nesse sentido, toma-se em comento o contexto das IES. No Brasil as pesquisas têm evidenciado a elevada prevalência do uso e do abuso de bebidas alcoólicas entre universitários, indicando que o consumo tende a ser maior entre essa população do que na geral, estando o hábito ritualizado e institucionalizado (PEUKER; FOGAÇA; BIZARRO,

2006; ANDRADE; DUARTE; OLIVEIRA, 2010; SILVA; TUCCI, 2014; CARLOTTO; TEIXEIRA; DIAS, 2015; STOCKINGS et al., 2016; THURIN; CEBALLOS; GRAHAM, 2017).

Um inquérito nacional no Brasil, com 12.711 universitários de instituições de ensino públicas e privadas de 27 capitais, apontou que 86% dos acadêmicos haviam usado bebidas alcoólicas em algum momento de suas vidas, 77,3% dos homens e 66,6% das mulheres afirmaram ter consumido álcool nos últimos 12 meses. Nas faixas consideradas de risco para o uso moderado a grave para desenvolver dependência de álcool, foram classificados 30% dos universitários (ANDRADE; DUARTE; OLIVEIRA, 2010). O levantamento identificou, ainda, que entre os alunos do sexo masculino o consumo de álcool obteve destaque e é maior no noturno do que nos demais turnos.

Os estudantes universitários, em razão do uso de álcool, são expostos, preponderantemente, a acidentes de trânsito, intoxicação, atos de violência e abuso sexual, sexo sem proteção, problemas acadêmicos (aprendizado, queda no rendimento escolar e comportamentos inadequados) e problemas legais (HINGSON et al., 2005; ANDRADE et al., 2012).

Particularizando-se a realidade dos alunos que frequentam cursos da área da saúde nesse contexto, tem-se no Brasil uma preocupação especial (MENDONÇA; JESUS; LIMA, 2018). Em Aracaju (SE), a pesquisa de Mendonça et al. (2018) com 1.147 alunos provenientes dos cursos de Medicina, Odontologia, Enfermagem, Fisioterapia e Nutrição assinalou elevada prevalência de consumo alcoólico de risco. Cerca de 80,7% consumiram bebida alcoólica pelo menos uma vez na vida e 68,8% ingeriram álcool no último ano. O padrão de consumo de risco foi evidenciado em 21,1% dos casos e esteve associado positivamente com sexo masculino e instituição privada de ensino.

No estado de São Paulo, Fachini e Furtado (2013) investigaram a interferência do consumo de álcool e outras drogas na vida acadêmica em 238 graduandos dos cursos de Medicina e Fisioterapia. Dentre as informações apuradas, os homens apresentaram prevalência significativamente maior de uso de álcool no ano, uso problemático e *Binge Drinking*. Os resultados indicam que diferenças das expectativas do beber entre os sexos podem ter um importante papel em ações de prevenção mais precisas e eficazes sobre o uso de álcool de homens e mulheres.

3 FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA

Metodologicamente, este estudo caracterizou-se por ser de abordagem quantitativa, descritiva e de corte transversal. A amostra investigada consistiu em 48 IES públicas e privadas do Estado do RS e 45 de SC, perfazendo um total de 93 instituições que ofertam cursos em área de saúde, identificadas junto à base de dados oficial e única de informações do Sistema Federal de Ensino do Ministério da Educação, Sistema eMEC. O processo de amostragem caracterizou-se como probabilístico, com margem de erro de 8%, onde as instituições foram escolhidas de forma aleatória, por meio de sorteio, a partir da listagem já referida.

Os dados primários foram instrumentalizados por meio da plataforma de busca nos sítios eletrônicos das próprias IES, buscando-se pelas informações referentes à existência de setores ou políticas institucionais que prestam atenção ao estudante (SAE) no que se refere à prevenção e/ou uso de álcool no momento da pesquisa (31 de março de 2019) ou anteriormente. Para tanto, foram utilizados os descritores: “álcool”, “bebidas alcoólicas”, “drogas”, “prevenção” e “campanha”. Após coleta e compilação, as informações foram analisadas por meio do uso do software IBM SPSS *Statistics* v.24, explorando-se a frequência

observada e relativa, medidas de tendência central e, ainda, análises inferenciais (teste de Qui-quadrado (χ^2), com nível de significância de $\alpha = 0,05$).

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

As análises apontaram, em relação à categoria das IES, que 57% (n=53) são particulares, enquanto 12,9% (n=12) são públicas e 30,1% (n=28) são comunitárias. Quanto à organização acadêmica, no RS a maior parte da amostra é formada por faculdades (45,2%, n=21) e universidades (45,2%, n=21), os centros universitários correspondem a 12,5% (n=6) dessa categoria, não havendo, no Estado, institutos federais que disponibilizem os cursos supracitados. Por outro lado, em SC, esse percentual é diferente, pois predominaram as faculdades (46,7%, n=21), o percentual de universidades foi 28,9% (n=13) e de centros universitários de 22,2% (n=10), seguido por um instituto federal (2,2%). Em relação à existência de SAE, no RS 66,7% (n=32) das IES possuem ou dispõem desse setor, em SC, o percentual é de 57,8% (n=26). Conforme pode ser visualizado na Tabela 1, embora as faculdades, tanto no RS como em SC, representem o maior número de IES com SAE (20,9 %, n=27), percentualmente ficam atrás das universidades, cujo percentual de SAE é de 64,3%.

Tabela 1: Presença de Serviços de Atendimento ao Estudante (SAE) em Instituições de Ensino Superior (IES) nos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, 2019

		Presença de SAE		Total
		Não	Sim	
Centro Universitário	Contagem (n)	8	8	16
	% em Categoria IES	50,0	50,0	100,0
	% do Total	8,6	8,6	17,2
Categoria IES	Contagem (n)	15	27	42
	% em Categoria IES	35,7	64,3	100,0
	% do Total	16,1	29,0	45,2
Universidade	Contagem (n)	12	22	34
	% em Categoria IES	35,3	64,7	100,0
	% do Total	12,9	23,7	36,6

Fonte: Elaborada pelos autores (2019).

Entre os profissionais que compõem esses setores, predominantemente encontram-se psicólogos (36,9%, n=31), sendo que no RS esse percentual é de 38,5% (n=25) e em SC é de 31,6% (n=6). Ainda, pontua-se nos SAEs a presença de pedagogos, psicopedagogos, tradutor de libras, assistentes sociais e psiquiatras. Das IES pesquisadas, 62,4% (n=58) não mantêm ou não realizaram campanha relativa ao uso de álcool. Esse número, se analisado em conjunto com a organização acadêmica da IES, revela que as universidades contabilizaram a maior porcentagem de campanhas no período (7,2%, n=16).

Das 58 IES que possuem SAE, em 28 (30,1%), não houve registro de política destinada à prevenção ao consumo de bebidas alcoólicas, número inferior ao das que não possuem SAE (32,3%, n=30). Esses resultados levam a refletir sobre a qualidade do serviço de atenção que o estudante vem recebendo, pois nas IES em que o setor existe, parece não haver preocupação com a temática. Ante a esse resultado, o teste de Qui-quadrado ($\chi^2(1) = 7436$; $p < 0,006$) demonstrou que há associação estatisticamente significativa entre o fato de haver SAE na IES e a adoção de ações direcionadas ao uso consciente de bebidas alcoólicas. A análise dos resíduos ajustados provenientes do teste permitiu inferir que há probabilidade de que as IES que possuem o setor tendam ao aumento do número de ações.

As IES públicas, apesar de serem em menor número, apenas 12 entre as 93 pesquisadas, proporcionalmente tanto no RS como em SC realizaram o maior número de ações direcionadas ao consumo de álcool do que as privadas e comunitárias. Elas representam

aproximadamente 12,9% da amostra, porém, são responsáveis por cerca de 25% de tais ações. O índice de instituições que não realizam ações ou campanhas, tangenciando o consumo de bebidas alcoólicas, nos dois estados é alto, principalmente no RS (62,5%).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em razão dos prejuízos ao indivíduo e ao custo que os problemas decorrentes do uso do álcool geram à sociedade como um todo, a presente pesquisa perquiriu avaliar a existência de programas de prevenção e medidas educativas em IES que oferecem cursos em área da saúde direcionadas ao combate do uso excessivo de bebidas alcoólicas. Como resultados do estudo emergiu que, apesar de haverem esforços preventivos em âmbito institucional, eles são incipientes. Esse aspecto é preocupante, pois o ambiente acadêmico é de grande importância para o incremento de programas preventivos.

Ficou evidente que os estudantes da área da saúde não têm recebido auxílio relativo ao consumo de bebidas alcoólicas ou problemas decorrentes dele durante a vida acadêmica. Resta a dúvida se a relação entre ser acadêmico de curso da área da saúde e o consumo excessivo de álcool, descrita pela literatura, está associada à falta de políticas nas instituições por medo, por vergonha ou por não darem a devida relevância ao assunto.

Como limitação deste estudo pode-se considerar que os resultados obtidos não devem ser extrapolados a uma escala geográfica maior. Sugere-se, assim, que estudos futuros envolvam todas as IES brasileiras, favorecendo o debate e disseminando informações sobre a prevenção e os efeitos nocivos do consumo problemático do álcool.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, A. G.; DUARTE, P. do C. A. V.; OLIVEIRA, L. G. **I Levantamento nacional sobre o uso de álcool, tabaco e outras drogas entre universitários das 27 capitais brasileiras**. Brasília: SENAD, 2010.

ANDRADE, A. G. de et al. Use of alcohol and other drugs among Brazilian college students: effects of gender and age. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 34, n. 3, p. 294–305, set. 2012.

BABOR, T. F. Alcohol: no ordinary commodity: a summary of the second edition. **Addiction**, v. 105, n. 5, p. 769-779, maio 2010.

BASTOS, A. F. V.; COSTA, F. J.; VASCONCELOS, M. M. Consumo de bebidas alcoólicas por jovens: implicações para o marketing social. **Revista Brasileira de Marketing**, v. 16, n. 04, p. 469–486, 2017.

CARLOTTO, R. C.; TEIXEIRA, M. A. P.; DIAS, A. C. G. Adaptação acadêmica e coping em estudantes universitários. **Psico USF**, v. 20, n. 3, p. 421–432, 2015.

CAVALCANTE, D. B. et al. Uso de álcool entre acadêmicos de farmácia de uma universidade pública. **Revista Enfermagem**, v. 20, n. 3, p. 312–316, 2012.

CHIAPETTI, N.; SERBENA, C. A. Uso de álcool, tabaco e drogas por estudantes da área de saúde de uma universidade de Curitiba. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 20, n. 2, p. 303–313, 2007.

FACHINI, A.; FURTADO, E. F. Uso de álcool e expectativas do beber entre universitários:

uma análise das diferenças entre os sexos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 29, n. 4, p. 421–428, 2013.

HAAS, A. L. et al. Pre-college pregaming: practices, risk factors, and relationship to other indices of problematic drinking during the transition from high school to college. **Psychology of Addictive Behaviors**, v. 26, n. 4, p. 931–938, 2012.

HALL, W. D. et al. Why young people's substance use matters for global health. **The Lancet Psychiatry**, v. 3, n. 3, p. 265–279, mar. 2016.

HINGSON, R. et al. Magnitude of alcohol-related mortality and morbidity among u.s. college students ages 18–24: Changes from 1998 to 2001. **Annual Review of Public Health**, v. 26, n. 1, p. 259–279, 21 abr. 2005.

JOHNSTON, L. D. et al. **Monitoring the future national survey results on drug use: 1975–2002: Vol. II. College students and young adults ages 19–40.** NIH Pub. No. 03–5376. National Institute of Drug Abuse, Bethesda, MD. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

MACHADO, J. N. S. et al. Consumo de álcool entre acadêmicos de medicina. **Revista Brasileira de Pesquisa em Ciências da Saúde**, v. 2, n. 2, p. 46–51, 2016.

MENDONÇA, A. K. R. H.; JESUS, C. V. F. de; LIMA, S. O. Fatores associados ao consumo alcoólico de risco entre universitários da área da saúde. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 42, n. 1, p. 207–215, 2018.

MERRILL, J.; READ, J. Motivational pathways to unique types of alcohol consequences. **Psychology of Addictive Behaviors**, v. 24, n. 4, p. 705–711, 2010.

MESQUITA, E. MARIA de; NUNES, A. J.; COHEN, C. Avaliação das atitudes dos estudantes de medicina frente ao abuso de drogas por colegas do meio acadêmico. **Archives of Clinical Psychiatry**, São Paulo, v. 35, n. 1, p. 8–12, 2008.

MEZQUITA, L. et al. Development and validation of the alcohol Expectancy Questionnaire Short Form (EQ-SF). **Adicciones**, n. June, p. 920, 15 jan. 2018.

MUHAMAD, N.; ROSLAN, N.; MAHDI, A.; ITHNAIN, N.; MUSTAPHA, N.; ALIZA L.; MELATI, R.; SURAIYA, S. Association between health risk behavior and suicidal ideation, continuous sadness and depression among malaysian youth. **Global Journal of Health Science**, v. 10, n. 1, 2017.

NÉMETH, Z.; URBÁN, R.; KUNTSCHKE, E.; PEDRO, E.; NIETO, J.; FARKAS, J.; FUTAKI, G.; KUN, B.; MERVÓ, B.; OLÁH, U.; DEMETROVICS, Z. Drinking motives among Spanish and Hungarian young adults: A cross-national study. **Alcohol and Alcoholism**, v. 46, n. 3, p. 261–269, 2011.

NORDLUND, S. Alcohol Policy, norms and drinking habits in different european countries. **Journal of Alcoholism & Drug Dependence**, v. 4, n. 5, 2016.

NUNES, J. M. et al. Consumo de bebidas alcoólicas e prática do binge drinking entre

acadêmicos da área da saúde. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v. 39, n. 3, p. 94–99, 2012.

PANTANI, D.; PINSKY, I. **Álcool, saúde pública e responsabilidade social na América Latina**. São Paulo: UNIAD - Unidade de Pesquisa em Álcool e Drogas, 2017.

PETROIANU, A. et al. Prevalência do consumo de álcool, tabaco e entorpecentes por estudantes de medicina da Universidade Federal de Minas Gerais. **Revista da Associação Médica Brasileira**, v. 56, n. 5, p. 568–571, 2010.

PEUKER, A. C.; FOGAÇA, J.; BIZARRO, L. Expectativas e beber problemático entre universitários. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 22, n. 2, p. 193–200, 2006.

PICOLOTTO, E.; LIBARDONI, L. F.; MIGOTT, A. M. B.; GEIB, L. T. C. Prevalência e fatores associados com o consumo de substâncias psicoativas por acadêmicos de enfermagem da Universidade de Passo Fundo. **Ciência e Saúde Coletiva**, v.15, n.3, p. 645-654, 2010.

REBONATTO, C. S. et al. A (in) existência de políticas de consumo de bebidas alcoólicas em câmpus de instituições brasileiras de ensino superior: um estudo preliminar. *In*: ENGEMA - Encontro Internacional sobre Gestão Ambiental e Meio Ambiente, 20., 2018, São Paulo (SP). **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo (SP): USP, 2018. Disponível em: <http://engemausp.submissao.com.br/20/anais/arquivos/105.pdf>. Acesso em: 18 out. 2018.

REHM, J. et al. Global burden of disease and injury and economic cost attributable to alcohol use and alcohol-use disorders. **The Lancet**, v. 373, n. 9682, p. 2223–2233, jun. 2009.

SILVA, É. C.; TUCCI, A. M. Estudo transversal sobre o uso de risco de álcool em uma amostra de estudantes de uma universidade federal brasileira. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 63, n. 4, p. 317–325, 2014.

STOCKINGS, E. et al. Prevention, early intervention, harm reduction, and treatment of substance use in young people. **The Lancet Psychiatry**, v. 3, n. 3, p. 280–296, 2016.

THURIN, K.; CEBALLOS, N. A.; GRAHAM, R. Alcohol preferences and event-related potentials to alcohol images in college students. **Journal of Studies on Alcohol and Drugs**, v. 78, n. 6, p. 916–921, nov. 2017.

VAGENAS, P.; LAMA, J.; LUDFORD, K.; GONZALES, P.; SANCHEZ, J.; ALTICE, F. A systematic review of alcohol use and sexual risk-taking in Latin America. **Pan American Journal of Public Health**, v. 34, n. 4, p. 267–274, 2013.

WHO. **World Health Statistics 2017: Monitoring Health for The Sustainable Development Goals (SDGs)**. Geneva: World Health Organization, 2017.